

Eu e o outro que me habita: memória e criação em Le Clézio¹

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha

Doutora em Letras pela USP. Professora da Universidade Federal de Uberlândia.

e-mail: betina@ufu.br

Resumo: J.M.G. Le Clézio, em sua obra *O africano* apresenta, biográfica e sensivelmente, uma viagem iniciática que propõe reconquistar ou buscar as lembranças de infância, do pai, das origens de um menino-personagem-filho que voltou atrás, à África, às Ilhas Maurício, aos confins de Camarões e da Nigéria, para se reconhecer, reconhecendo as sombras deixadas pelo pai. Nessa obra, o autor desvenda uma experiência múltipla que, de um lado, desenha um estrangeiro, em uma França que o acolhe sem, no entanto, reconhecê-lo. Por outro lado, esse mesmo personagem, busca, para se compreender em uma sobrevivência ambígua, colonizadora e colonialista ao mesmo tempo, artifícios sutis de apagamento das heranças identitárias e familiares, de forma que as origens e as influências de uma cultura adquirida nos muitos anos de infância vividos na África são transformados em invenção, em histórias criadas para apaziguar as angústias resultantes desse estranhamento existencial e não compreendido. Trata-se, na verdade, de uma promessa e de um compromisso com uma harmonia perseguida na reconstituição de um enigma memorial-imagístico que promove a consciência da alteridade a partir do reconhecimento de sinais herdados e adquiridos na dupla, dolorosa e sempre renascida identidade. Nesse sentido, o trabalho aqui proposto pretende desvelar os caminhos de uma narrativa ancorada nas lembranças da memória e na criação de identidades, de forma a propor uma leitura - ainda que individual e distanciada pela intimidade com o eu ficcional - de recuperação ou delineamento de experiências culturais e estruturantes de um viver contemporâneo.

Palavras-chave: 1. Identidade. 2. Cultura. 3. Alteridade

Abstract : Le Clézio, dans *L'africain*, présente, biographique et sensiblement, un voyage initiatique, en dessinant la reconnaissance soit des souvenirs de son enfance et de son père, soit des origines d'un enfant-personnage-fils qui revient en arrière, à l'Afrique, aux Iles Maurice, au Camerouns, cherchant, à travers la compréhension des ombres laissées par le père, se reconnaître, lui aussi. L'auteur y dévoile une expérience multiple qui, d'une part, dessine un étranger, vivant dans une France qui le reçoit sans, néanmoins, le reconnaître. D'autre part, ce même personnage cherche - pour se sauver ou se maintenir dans une "survie" ambiguë, colonisatrice et colonialiste à la fois - d'artifices subtils d'effacement de l'héritage identitaire et familiale, de façon que les origines et les influences de la culture incorporée par les années vécues en Afrique soient transformées en invention, en histoires créées, peut-être en vue de calmer les angoisses qui naissent de cette étrangeté existentielle non comprise. Il s'agit, en vérité, d'une promesse et d'un compromis de construire un projet d'harmonie basé dans la reconstitution d'une énigme « memorial-imagistique » promouvant la conscience de l'altérité à partir de la reconnaissance des signes hérités et conquis dans la double, douloureuse et toujours renouvelée, identité. Dans ce sens, le travail prétend dévoiler les chemins d'un récit encre sur les souvenirs de la mémoire et sur la création d'identités, de façon à proposer une lecture de récupération d'expériences culturelles et structurantes du vécu contemporain.

Mots-clé : 1. Identité. 2. Culture. 3. Altérité.

¹ Este artigo, em uma versão preliminar, foi apresentado em julho de 2008 no Encontro Nacional da ANPOLL – GT de Literaturas Estrangeiras.

... pour moi tout ce qui est important n'est pas dit Il y a des choses qui restent en dehors de la parole. Les actes héroïques ne sont pas ceux qui sont proclamés mais ceux qui restent cachés sous des paroles ceux qui ne se font pas connaître. Ça correspond à une mythologie d'enfance également ou j'avais pris le parti de ne pas parler. C'était muet (LHOSTE, 1971: 16).

Esta epígrafe – revelação-evidência de um desconcertante e obstinado silêncio protetor; testemunha de um orgulhoso e reverente olhar sobre o Outro – anuncia, desde a publicação desta entrevista², uma fronteira quase intocável entre a infância e a idade adulta de J. M. G. Le Clézio (escritor?), suscitando no leitor uma curiosidade e uma interrogação permanentes sobre os elementos, formas e ritos que comportam a caracterização de uma “mitologia de infância”, de uma fase ao mesmo tempo simbólica e formadora dos arcaísmos da maturidade.

A tal sensação de cautela, se acrescenta um outro silêncio, aquele do mudo e reconhecido respeito, guardado por um exercício de preservação das imagens e dos heróis cultivados, provavelmente também na infância, de modo a mantê-los, intocável e eternamente, em uma cristalização que atemporaliza as referências como uma garantia de sacralização das identidades e lembranças mantidas pela memória e acalentadas pela ficção.

Ainda nesta mesma entrevista, Pierre Lhoste recupera algumas afirmações do escritor, buscando um questionamento e uma compreensão mais delicada de sua experiência poética. Assim, por exemplo, Le Clézio encoraja a poética do olhar e do instante, ao lembrar:

Pas besoin d'envisager le cours entier d'une vie, les ensembles ne parlent pas, ce qui compte c'est le détail, une seconde d'une vie, mais une seconde très riche de passé et d'avenir qui en dit suffisamment sur l'être (LHOSTE, 1971:22).

O escritor reconhece uma força para traduzir o visível na sua constituição objetiva e universalizante, ao mesmo tempo em que elege a revelação de um conteúdo significativo – ainda que não concretizado por uma realidade material – situado nas camadas mais sensíveis do olhar individualizante e contemplativo; este, por sua vez, prolonga a materialidade desse olhar pelo reconhecimento e acréscimo de fissuras, detalhes, precisões e imprecisões próprias da admiração, passando a devolver plenitude e significação a esse perfeito imperfeito que se apresenta sob a opacidade iluminadora do olhar. Dessa forma, pode-se entender a existência de uma distinção platônica entre inteligível e sensível, entre ideia e imagem, como a insistir sobre a discrepância entre substância e elemento concreto que, por outro lado, resgata a questão da exterioridade e da interioridade como características fundamentais para balizar a qualidade e a consistência da percepção do olhar. Em outros termos, pensa-se inferir que o olhar do escritor não legitima o contrato com uma visualização do mundo ou espetáculo exterior, mas, sim, aquilo que – detalhada e unicamente – poderá configurar uma substancialidade, uma densidade e uma textura que constituem identidade e individualização ao conteúdo reconhecido pelo olhar. Trata-se, em última análise, de valorizar a sensibilidade, em detrimento de um pensamento consciente, processado na racionalidade.

Esse processo de gestação de uma visão reveladora parece encontrar na palavra uma possibilidade única de completude, uma vez que a linguagem, matéria bruta da invenção, transforma-se em substância e valor emotivos, que restituem às fissuras e aos

² O texto aqui citado – e outros que, eventualmente, tenham a mesma origem – representa uma série de entrevistas entre o autor e P. Lhoste, tendo sido difundidas no Canal *France-Culture* nos dias 30/08 e 02/10 de 1969, e 11 e 16/01/1971, e reproduzidas em livro com a autorização da O.R.T.F. Deve-se ressaltar que a pontuação é aquela do texto da transcrição original, destinada a restituir o caráter oral da entrevista.

detalhes do sentimento o poder de uma unidade particularizada pela esfera do sentido pleno. Compreende-se, nesse momento, a força que a literatura adquire na vida-obra de Le Clézio:

Parce que je crois que c'est très difficile de me connaître et j'écris pour me connaître précisément et en me connaissant essayer de comprendre les autres Je ne me vois pas Je n'arrive pas à imaginer ni comment je suis, ni même ce que je veux être [...] (LHOSTE, 1971: 11-12).

Compreende-se, ainda, a gênese e a realização de sua obra, *O Africano*, na qual Le Clézio, inicialmente, desobedece à sua intenção de não falar-escrever-criar sua “mitologia de infância” e, em seguida, penetrando nos meandros de sua memória afetiva, reatualiza os caminhos de um passado misterioso – ingrediente de sua identidade e de reconhecimento do seu lugar no mundo – igualmente compartilhado com outras misteriosas impressões de um personagem vital: o pai. Este, cidadão inglês nascido nas ilhas Maurício, educado na Inglaterra, médico do governo inglês, casado com uma francesa, habitando e trabalhando na Nigéria, foi conhecido por Le Clézio e o irmão somente aos sete anos, quando passaram um ano na África, com ele e a mãe.

Assim o escritor testemunha o primeiro encontro deles, nessa visita ao misterioso desconhecido e ao agreste continente:

Tal era o homem que encontrei em 1948, no final de sua vida africana. Não o reconheci, nem tampouco o compreendi. Ele era muito diferente de todos que eu conhecia, um estranho, um estrangeiro e, mais até do que isso, quase um inimigo. Nada tinha em comum com os homens que eu via na França [...] (LE CLÉZIO, Trad. FRÔES, 2007: 105)³.

A obra – misto de insistentes e caladas impressões, de saudades afogadas no silêncio de um passado quase estrangeiro – apresenta, biográfica e sensivelmente, uma viagem iniciática que propõe reconquistar ou buscar as lembranças de infância, do pai, das origens de um menino-personagem-filho que voltou atrás, à África, às Ilhas Maurício, aos confins de Camarões e da Nigéria, para se reconhecer, redimensionando em cores e substâncias as sombras deixadas pelo pai para, em um segundo momento, compreendê-las, preservá-las e convertê-las em um patrimônio imagístico, sensorial.

Essa viagem aos subterrâneos da memória e das reminiscências impressivas completa um itinerário pessoal de resgate das origens e estruturas sociais que permearam a sua existência, passando a fornecer a impressão de que o espírito aventureiro e criador observado nas obras de Le Clézio é, na verdade, resultado de uma condição familiar, atestada pelos antepassados.

Vale lembrar que algumas das obras⁴ deste escritor ficcionalizam o fascínio da vida-aventura de seu avô, Leon Le Clézio – um juiz radicado nas Ilhas Maurício que abandona progressivamente o seu posto para dedicar-se à busca de um mítico tesouro, na ilha Rodrigues. Atraído por essa história, mais próxima a uma lenda, Le Clézio reacende e presentifica as experiências míticas mais profundas, fortalecendo-as em arquétipos pessoais, que passeiam ao longo de suas mais sutis e intermitentes interrogações existenciais.

Talvez por isso, o autor desvenda, em *O africano*, uma experiência múltipla que, de um lado, desenha um estrangeiro, em uma França que o acolhe sem, no entanto,

³ LE CLÉZIO, J.M.G. *O africano*. Tradução de Leonardo Frôes. São Paulo: Cosac Naify, 2007, 136pp. Esta citação encontra-se na p. 5. Para as indicações subsequentes, referentes à mesma obra, utilizar-se-á a abreviação O a., seguida do número da página.

⁴ Nota-se, em especial, *Le chercheur d'or*, *Voyage à Rodrigues* e *La Quarantaine*.

reconhecê-lo. Por outro lado, esse mesmo personagem, busca, para se compreender em uma sobrevivência ambígua, colonizadora e colonialista ao mesmo tempo, artifícios sutis de apagamento das heranças identitárias e familiares, de forma que as origens e as influências de uma cultura adquirida na África são transformadas em invenção, em histórias criadas para apaziguar as angústias resultantes desse estranhamento existencial e não compreendido. Essa obra é assim justificada por seu autor:

Por muito tempo sonhei que minha mãe era negra. Inventei-me uma história, um passado, para escapar da realidade em meu retorno a África, neste país, nesta cidade onde eu não conhecia ninguém onde me tornara um estrangeiro. Depois descobri, quando meu pai, na idade da aposentadoria, retornou para viver conosco na França, que o Africano era ele. Foi difícil admitir isso. Tive de voltar atrás, de recomeçar, de tentar compreender. Em memória disso escrevi este pequeno livro (LE CLÉZIO, Trad. FRÓES, 2007: 5).

Trata-se, na verdade, de uma promessa e de um compromisso com uma harmonia perseguida na reconstituição de um enigma memorial-imagístico que promove a consciência da alteridade a partir do reconhecimento de sinais herdados e adquiridos na dupla, dolorosa e sempre renascida identidade.

Nesse sentido, a pretensão de desvelar os caminhos de uma narrativa ancorada nas lembranças da memória e na criação de identidades, de forma a propor uma leitura – ainda que individual e, aparentemente, distanciada pela intimidade com o eu ficcional – de recuperação ou delineamento de experiências culturais e estruturantes de um viver contemporâneo, se respalda em Bérghson (1990), que observa: “Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar.” O exercício do sonho, das evocações, da ordenação das mais profundas reminiscências é o caminho para a construção de um espaço imagístico e representativo das epopeias individuais que se reinventam pelas/para as histórias pessoais, de forma a fazer subsistir o conteúdo maior de um sentido atemporal, como confessa o próprio autor-personagem:

Foi aqui, neste cenário, que vivi os momentos de minha vida selvagem, livre, quase perigosa. Uma liberdade de movimentos, pensamentos e emoções que nunca mais conheci depois. As lembranças, por certo, enganam. Essa vida de liberdade total, eu a terei, sem dúvida, mais sonhado que vivido. [...] Os dias de Ogoja tinham se tornado então meu tesouro, o passado luminoso que eu não podia perder (in: O a., p. 19).

Esse sentido atemporal se constrói a partir de duas vertentes importantes que norteiam a narrativa “africana”. Inicialmente, e em oposição aos discursos e descrições longas, repletas de adjetivos que compunham as outras obras de Le Clézio. Nestas, aliás, as reminiscências são visitadas pela palavra poética, enquanto que aqui se observa a presença de fotografias que exibem locais, situações vivenciadas concretamente seja pelo pai ou pela família, como a garantir uma ancoragem real para o exercício narrativo, determinando os limites ou as ousadias da memória afetiva na construção de seu arcabouço imagístico. As fotos passam a balizar os voos da memória ainda que tais balizas – desrespeitadas constantemente pela própria imaginação inventiva – se configurem, na verdade, em um presente atualizado.

Pela fotografia, o tempo passado se presentifica no momento do olhar, o espaço reaparece detalhada e fugazmente, deixando além de uma sensação fugidia, a emoção do presente, não aquela vívida, mas outra, reconstruída, filtrada pelo presente, igualmente intensa ou dolorosa, às vezes.

No movimento dinâmico das recordações, o espectador é projetado para um tempo que é passado, em um espaço já vivido, e que, agora presentificados, permanecem avançando e retrocedendo, iluminando a memória, como num teatro, ora uma cena, ora outra, colocando as emoções recém-inauguradas face a face com o passado revisitado.

Essa dramatização se recorta em atos-capítulos que se sucedem uns aos outros, podendo, entretanto, ser lidos sem a ordem inicialmente apresentada, ou seja: “O corpo”, capítulo no qual o autor-narrador-personagem testemunha a construção dos elementos de sua identidade a partir da indiferença aos seus traços mais individuais e marcantes e do não-reconhecimento de uma substância que lhe compele ou corporifique:

Tenho coisas a dizer deste rosto que recebi em meu nascimento. Primeiro, foi preciso aceitá-lo. Afirmar que não me agradava seria dar-lhe uma importância que ele não tinha quando eu era criança. Eu não o odiava: ignorava-o, evitava-o. Não olhava nos espelhos. Durante anos, creio que nunca o vi. Desviava os olhos das fotos, como se alguma outra pessoa tivesse se posto em meu lugar (in: O a., p.7).

Em contrapartida, os corpos africanos, com sua “magnífica falta de pudor”, passam a ocupar a narrativa, dando espaço às atividades, brincadeiras e sentidos que começaram a se fortalecer a partir da consciência da diferença, da identidade ainda não elaborada. É, parece, uma revisão da dialética do continente e do contido, tão cara a Bachelard em *A poética do espaço*, e na qual o corpo – continente a guardar uma massa de representações objetivas, simbólicas e significantes – não traduz, não reflete e não valoriza o conteúdo que carrega, desviando as representações, e seu peso ontológico, para o vazio de uma condição paralela e transgressora dos limites e exigências da condição humana harmoniosa e equilibrada.

Compreende-se agora o título do próximo ato-capítulo que, ao anunciar “cupins, formigas e etc.”, vem realçar o exercício de purgação dos elementos mais primitivos da terra e de seus habitantes. Nesse texto, Le Clézio recupera cenas, aventuras e perigos vivenciados com escorpiões, ataques de formigas corredeiras, cupins destruídos por prazer; enfim, o autor reaproxima-se do “continente” que prepara como sua habitação, limpando-o das mazelas e venenos nocivos ao resgate de uma pureza original que viesse a garantir o processo de eternização e recorrências míticas advindas do olhar generoso e construtor do personagem. É Bergson que justifica importância da reatualização desse olhar primitivo quando lembra que o passado se conserva independentemente no espírito, e seu modo de existir é inconsciente. Toda a lembrança vive em estado latente e potencial, podendo ser chamada pelo presente a qualquer momento, e este chamado pode vir em forma de uma imagem, uma música, um sabor, um odor, uma necessidade enfim, o que permite ao narrador ver nesses eventos e presenças naturais o verdadeiro sentido de família:

O cheiro da sopa de amendoim, do pão de mandioca, a voz do meu pai [...] e o sentimento de perigo lá fora, o exercito invisível das mariposas que batiam nas janelas, as lagartixas agitadas, a noite quente, tensa, não uma noite de repouso e abandono como outrora, mas ma noite febril, extremamente fatigante. [...] É, acho que nunca conheci outros momentos de tanta intimidade, de tal mescla de ritualístico e familiar (in: O a., p.36)

É interessante salientar que até então a existência-presença do pai foi gradualmente construída pelo olhar do narrador que transforma a estranheza, a cautela e o rancor em uma possibilidade de salvação generosa deste personagem que ao passar a

observar, passando também a compreender a extensão de uma solidão arrebatadora e, ainda, a dolorosa manutenção das escolhas individuais e que, em última análise, refletem sobre toda a comunidade familiar.

Nesse momento, aparece “O africano”, capítulo destinado a um exercício de reconciliação existencial e afetivo com a figura paterna. Le Clézio recupera o percurso do pai-personagem desde sua partida para as Guianas, onde clinicou, passando por Paris, onde conheceu a esposa – “Meu pai e ela foram unidos pelo sonho, pondo-se juntos como exilados de um país inalcançável” (in: O a., p. 53) – até a transferência para a África. Tal itinerário é consubstanciado pelos sentidos do narrador e endossado pelo filho Le Clézio que, em um momento de sua vida refaz a viagem do pai (um eterno retorno?), apresentando um discurso narrativo no presente, como a caminhar, ritualisticamente, os mesmos passos aventureiros e desbravadores do universo a conquistar.

Foi essa mesma viagem que eu fiz, vinte anos mais tarde, com minha mãe e meu irmão para ir ao encontro de meu pai na Nigéria, depois da guerra. Mas ele não é uma criança que se deixa levar ao sabor dos acontecimentos. Está então com trinta e dois anos, é um homem endurecido por seus dois anos de experiência médica na América tropical, conhece a doença e a morte (in: O a., p. 59).

Aqui, é imprescindível realçar a miscelânea – tempo e espaços se fundiram no tempo da narração – em que o leitor se enreda: o autor superpõe a sua experiência de viagem (que repetia os passos do médico nas Guianas), à viagem similar que o narrador apresenta; por outro lado, o presente da narrativa se prolonga, trazendo à tona (um “presente” intemporal!) a concretude do personagem narrado (o médico) tal como se ele assim ainda o fosse.

Alinhavando a epopeia, vê-se, agora, um narrador preocupado em desenhar os passos seguintes de seu personagem e, para tanto, faz uso de um outro artifício espaço-temporal:

Por vinte e dois anos ele há de permanecer no oeste africano. Conhecerá tudo aí, desde a descoberta dos grandes rios [...] até as terras altas de Camarões. Com sua esposa, partilhará o amor e as aventuras. Depois virão a solidão e a angústia da guerra, até a debilidade, até a amargura dos últimos instantes, este sentimento de haver ultrapassado a dimensão de uma vida (in: O a., p. 59).

Atualizando a cartografia de um passado transmutado, o uso do futuro temporaliza as referências imaginadas pelo olhar adulto e as transforma em uma outra possibilidade de vida e de interpretação deste patrimônio, adaptando-o, agora, à expectativa imaginativa e criadora de novos desígnios, agora olhares poéticos e poetizados pelo peso da experiência revisitada.

Este capítulo – itinerário poético-geográfico-memorialístico do Africano em terras estrangeiras, ou seja, de Georgetown, na Guiana Francesa a Victoria, na Baía da Biafra – é talvez o mais longo e o mais denso desta cartografia afetiva, deixando entrever ao leitor uma etapa ritualística, mais uma passagem, na busca de uma identidade, de um retorno às origens mais profundas e, portanto, ao conhecimento desse pai, herói mítico, sacralizado e personagem das inúmeras odisséias sonhadas e acalentadas pelo filho. Assim depõe Le Clézio:

Pareceu-me no entanto compreender o sentimento de aventura experimentado por ele ao desembarcar no porto de Georgetown. Por minha vez, também comprei uma piroga, viajei em pé na proa, com os dedos dos pés bem afastados para melhor me

agarrar, balançando nas mãos a grande vara, olhando os cormorões a voar diante de mim, ouvindo o vento a me soprar nas orelhas e os ecos do motor de popa que afundam, lá por trás, na espessidão da floresta (in: O a., p.56).

Essa viagem, mitificada pela repetição dos passos do pai sugere, talvez, uma obstinada remissão ou, quem sabe?, uma apaixonada compensação afetiva por parte de um filho-autor, nesse momento personagem, a concretizar, simbolicamente, as lacunas experimentadas pelo pai que, ao se aposentar e retornar a uma França que não lhe reconhece, não consegue, por outro lado, reconhecer-se no espaço identitário que se oferece à adoção.

Quando regresssei das terras indígenas, meu pai já estava doente, fechado em seu obstinado silêncio. Mas me lembro de um lampejo em seus olhos quando eu lhe disse que tinha falado dele com os índios e que esses o convidavam a voltar para os seus rios, que lhe ofereciam, em troca de seu saber e de seus medicamentos, casa e comida pelo tempo que ele quisesse. Meu pai deu um sorriso ligeiro, e acho que disse: “Há dez anos, eu teria ido.” Era tarde demais, não se recupera o tempo, nem sequer em sonhos (in: O a.)

Aliás, esses espaços, desenhando múltiplos retratos e múltiplas influências, acabam por traçar, emblematicamente, uma série de outros espaços – físico, ideológico, político e social – que se debatem constantemente em função de uma outra ordem, representativa de um poder e de uma submissão, por consequência. Esse médico é, na verdade, um sujeito que se nutre e se materializa de um mundo colonizado e aculturado pelo seu opressor, opressor este que ele, ao mesmo tempo, representa e corporifica. Cruzam-se, assim, diversos momentos e diversos olhares: a aquele olhar afetivo, às vezes profissional, às vezes angustiado do médico estrangeiro, aventureiro em um mundo a ser desvelado, superpõe-se o triplo olhar de um filho que se busca nas pegadas do pai e que, em um exercício posterior de exegese e sacralização de sua iconografia pessoal, multiplica-se em autor e narrador, garantindo assim a consolidação de uma poética do deslocamento, da busca, da ambiguidade e da conquista e, sobretudo!, de salvação.

Essa imagem, essa dolorosa constatação, se presentifica quando o médico, já morando em uma França moderna e depositária, como todo o mundo contemporâneo, do trágico estigma da AIDS, escolhe permanecer estrangeiro em seu próprio espaço, já que lhe é impossível reconstruir uma trajetória africana, pessoal que lhe complete:

Havia ele formulado um plano de reencontro com a África, não em Camarões, mas em Durban [...]. Procurava um outro lugar, não os que ele conhecera e onde havia sofrido, mas um mundo novo, onde pudesse recomeçar, como numa ilha. Após o massacre de Biafra ele porém já não sonha. Entra num obstinado mutismo que o acompanhará até à morte. Chega até a esquecer-se de que foi médico, de que levou essa vida aventureira, heróica (in: O a., p. 118).

Esquecer-se, tal como o médico se propõe, é muito mais do que renegar a identidade de um continente físico, europeu e adotar aquela do continente afetivo, africano. Trava-se aqui um doloroso embate, cuja ambiguidade sugere a possibilidade de uma escolha pessoal baseada em critérios outros que a própria determinação individual, ficando marcada a questão de um suprapoder civilizatório, que orienta, a despeito do sonho de um projeto identitário próprio, a inserção no mundo e no sistema.

Compreende-se agora o olhar do narrador-filho que confessa: “De certo modo, era menos por resignação, parece-me, do que pelo desejo de identificar-se a todos que havia tratado e com os quais, no fim da vida, ele tratou de se tornar parecido” (LE CLÉZIO, Trad. FRÓES, 2007, in: O a., p. 118).

A ambiguidade se mantém, a estranheza permanece, as lembranças reclamam sua integridade na memória e nos nostálgicos conteúdos. A história-estória se repete:

... a cada instante, como uma substância etérea que circula entre as divisórias do real, sou transpassado pelo tempo de outrora, em Ogoja. E isso, em súbitos impulsos, me submerge e atordoia. Não somente essa memória de criança extraordinariamente precisa quanto a todas as sensações, os odores, os sabores, a impressão de relevo ou de vazio, o sentimento de duração.

É escrevendo que agora o compreendo. Essa memória não é somente a minha. É também a memória do tempo anterior ao meu nascimento, quando meu pai e minha mãe andavam juntos pelas estradas do planalto... A memória das esperanças e angústias de meu pai, de sua solidão, de seu abatimento... (in: O a., p.122).

Permitindo ao leitor compreender e delinear a importância e o peso dessa narrativa para o filho deste médico, coautor das lembranças acumuladas nessa trajetória de renascimento e salvação.

Pode-se inferir, ainda que rapidamente, que essa poética de deslocamento aqui relatada acaba por reinventar um projeto de identidade maior, que se estabelece entre pai e filho, a despeito de qualquer projeto mais amplo, que pudesse referendar ma condição universalizante. A busca de si é um processo, determinando as origens individuais como elementos de reconciliação consigo próprio e com o mundo.

A viagem, tal como foi poeticamente caracterizada pelos muitos eus que habitam a narrativa, configura uma gênese pessoal, que salva o personagem, reconquista – pelo entendimento das diferenças e pelo perdão à busca de si – o pai que lhe sombreava a existência, resgatando para o filho-autor um poder de entendimento das relações pessoais e de maturação do mundo dos sentidos e sentimentos mais escondidos.

Portanto, e em consequência, vale lembrar a justificativa da Academia Sueca em indicar Le Clézio para o prêmio Nobel: “Escritor de ruptura, da aventura poética e do êxtase sensual, explorador de uma humanidade além e aquém da civilização reinante.” Suas narrativas, ao desenharem o percurso de viajantes e viagens ficcionais expõem, na verdade, a palavra como *medium* de ilusão utópica, devolvendo ao homem moderno uma possibilidade de reintegração e de unidade imaginária, capaz de garantir, mesmo que idealmente (como propõe o mito e as utopias), a coerência significativa da existência e a síntese valorativa das aspirações mais essenciais ou originais como antídoto, inclusive, para as mazelas e desvios da globalização.

Talvez por isso, Alain Touraine insista em ver, dentro da modernidade, uma humanização:

... ela é também reencanto do homem e cria uma distância crescente entre as diversas faces dele próprio, a sua individualidade, a sua capacidade de ser sujeito, o seu Eu-mesmo e o Si-mesmo, que os papéis sociais constroem do exterior. A passagem à modernidade... conduz, pelo contrário, da adaptação ao mundo à construção de mundos novos, da razão que descobre as idéias eternas à ação que, racionalizando o mundo, liberta o sujeito e o recompõe (TOURAINÉ, 1996: 273).

Assim, pode-se ver em *O africano* uma experiência, longa e dolorosa, de ruptura com os arquétipos históricos e sociais cristalizados, na tentativa de fortalecer a unidade de um sujeito inserido na fragmentação do mundo moderno e que busca, dentro de

seus sonhos e memórias, as mais primitivas amarras. A consolidação de uma consciência reflexiva, que reunifica razão e emoção, no esforço de garantir o indivíduo e suas necessidades pessoais, é, em última análise, um exercício de prioridades, de escolhas e de eleição, como fez o personagem desta narrativa.

Enfim, o que escolher? A história, o mito, a utopia, o retorno? A resposta, provavelmente, não poderia ser outra: a cada um a sua história, o seu mito, a sua utopia e, sem dúvida, o seu retorno...

A Le Clézio o prazer de buscar estórias nas histórias...

A Le Clézio o privilégio de desenhar o espelho de um outro que espelha a si próprio.

Referências Bibliográficas

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LE CLÉZIO, J. M. G. *O africano*. Tradução de Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 136p.

LHOSTE, Pierre. *Conversations avec J. M. G. Le Clézio*. Paris: Mercure de France, 1971.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. Lisboa: Almedina, 1996.